

espaço aberto

Manifestações rápidas, entrevistas, propostas,
experiências, traduções, etc.

Classes de Aceleração: mais de 100 mil alunos da rede estadual paulista recuperam o atraso escolar

Rose Neubauer

Secretária de Estado da Educação de São Paulo e
professora doutora da Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo (FEUSP).

No final de 1995, quando chegou com a notícia de que havia repetido pela segunda vez a 3ª série, J. M. levou uma surra da mãe. Arrependida, no dia seguinte ela se explicou ao menino: "Fiquei revoltada porque não queria que você saísse como eu e como seu irmão. Nesta casa, ninguém dá para os estudos". Combinaram que aquela seria a última oportunidade para J. M. Se ele repetisse novamente, no final do ano deixaria a escola e iria trabalhar.

Seria, então, mais um entre os milhares de "evadidos", que era como o sistema costumava chamar os alunos a quem não conseguia ensinar e que, por não mais suportarem o contínuo fracasso, rendiam-se a essa expulsão velada que a escola brasileira, durante décadas, praticou contra suas crianças e adolescentes. No início de 1996, entretanto, J. M. entrou para uma das recém-inauguradas classes de aceleração. No final do ano, era promovido com sucesso para a 5ª série. Daí para a frente recuperou a confiança em sua capacidade de aprender e, em 1999, cursa a 7ª série. Cada dia que passa fica mais difícil identificar as marcas do fracasso que um dia ameaçaram marginalizá-lo da escola.

Foi por interromper esse processo de exclusão escolar - desumano e irracional - que o projeto Classes de Aceleração conquistou, em dezembro de 1997, o prêmio Unicef Criança e Paz -Betinho, outorgado a instituições e projetos que se destacam em defesa da criança. Essa defesa era, verdadeiramente, a prioridade do governo Mário Covas e o mote das inúmeras ações postas em prática, quando assumimos a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE/SP), na gestão iniciada em 1995.

Além do projeto Classes de Aceleração, outras mudanças vêm sendo introduzidas, a partir de 1996, visando oferecer condições favoráveis aos alunos para que não acumulem defasagens de aprendizado ou possam recuperar o que haviam perdido. Entre elas destacam-se: a instituição de duas horas semanais de Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) para todos os professores da rede e a criação da função de coordenador pedagógico para orientar esse trabalho; o programa de Recuperação Paralela, que remunera o professor para ministrar aulas a turmas de alunos com dificuldades fora do seu período letivo, ao longo do ano; o programa de Recuperação nas Férias, que no final do ano oferece uma oportunidade adicional aos alunos de reverter uma eventual reprovação, caso seu aproveitamento durante o mês de janeiro seja considerado satisfatório.

A história de J. M. era semelhante à de outros 1 milhão e 500 mil crianças - 25% dos alunos da rede pública estadual paulista - que, entre "evadidos" e reprovados, representavam a imensa clientela a quem o sistema de ensino ficava a dever a cada ano. Poderoso como uma máquina cega, ele moía a autoconfiança de crianças e adolescentes a preço de um custo social e humano altíssimo.

Nenhum ser humano é capaz de suportar o sentimento de fracasso continuado decorrente da multirrepetência. Tendo reforçada, a cada novo ano, sua sensação de incapacidade para aprender e progredir, o aluno abandona a escola. Pouco preparado, pode conseguir algum tipo de trabalho sub-remunerado, que geralmente acaba perpetuando o círculo de pobreza e desescolarização do qual provém. No caso crítico de não conseguir emprego algum, torna-se presa fácil da marginalização e do envolvimento com drogas e violência.

Para os cofres públicos, tal índice de repetência e evasão representava o equivalente, hoje, a um bilhão de reais por ano, recursos estes que deveriam estar sendo empregados na melhoria da qualidade de ensino. E tudo isso porque a escola não atingia o objetivo a que se destinava: ensinar. Pois é para isso que ela existe, e não para reprovar e disseminar o fracasso.

A criação de uma nova cultura na escola

No início dos anos 90, cerca de 30% dos alunos que cursavam da 1ª à 4ª série do ensino fundamental estavam defasados em dois ou mais anos. Na condição de multirrepetentes, enfrentavam uma difícil situação: freqüentavam classes de crianças mais novas, sendo muitas vezes tratados por professores e colegas como incompetentes; eram obrigados a retomar indiscriminadamente todos os conteúdos da série a ser refeita, sem nenhum respeito aos avanços por eles já obtidos; estavam submetidos à mesma metodologia de ensino, que já se havia mostrado inadequada no ano anterior para promover sua aprendizagem. Assim, tornavam-se sérios candidatos a serem reprovados de novo.

Indignados com essa situação, começamos já em 1995 a elaborar o projeto das Classes de Aceleração, posto em prática a partir do início do ano seguinte, e que tinha como objetivo reverter a "cultura da repetência". Ele se fundamenta na convicção de que, por terem mais idade que seus colegas de turma, os multirrepetentes possuem um potencial de desenvolvimento cognitivo suficiente para acompanhar uma aprendizagem acelerada, que permite sua promoção para até duas séries mais à frente - desde que esse trabalho envolva uma nova organização das salas de aula, uma metodologia de ensino diferenciada, materiais didáticos especialmente produzidos e professores capacitados para recuperar a autoimagem desses alunos (São Paulo, 1998).

A partir das propostas curriculares oficiais, identificamos e privilegiamos, num primeiro momento, o essencial a ser adquirido, nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, em termos de conceitos, habilidades, operações de pensamento, hábitos e valores. Para alunos com 9 ou 10 anos de idade e que ainda cursavam o Ciclo Básico (1ª e 2ª séries do ensino fundamental), criamos as Classes de Aceleração I. Para crianças de 3ª ou 4ª séries que tivessem 10 anos de idade ou mais, as Classes de Aceleração II. Ao final de um ano, dependendo do desempenho apresentado, os alunos das Classes de Aceleração I poderiam ser encaminhados para a 3ª ou 4ª série. Os das Classes de Aceleração II, para a 4ª ou 5ª série.

Paralelamente foi desenvolvido um programa especial de capacitação para os professores que assumissem o projeto. Com duração de 120 horas, essa capacitação tem atingido professores e coordenadores, bem como supervisores de ensino e assistentes técnico-pedagógicos das Diretorias de Ensino envolvidas.

Os encontros com os professores enfocam as características mais importantes da nova proposta: o uso de metodologia de ensino requerida para essas classes, que prevê atividades diversificadas, capazes de integrar os alunos com níveis diferentes de conhecimento; e a sensibilização dos professores para trabalharem a auto-estima e a autoimagem dos alunos, condição *sine qua non* para o sucesso de um programa de aprendizagem acelerada.

Para apoiar a aplicação do projeto em sala de aula, coube ao Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) o desenvolvimento de materiais didáticos específicos: um livro com quatro módulos para os alunos, outro, também com quatro módulos, para o professor (Cenpec, 1997). O livro do professor contém atividades de aprendizagem, seus objetivos, formas de organização da classe, orientações para o trabalho nos diversos componentes curriculares e indicações para a realização de avaliação, registro e acompanhamento da aprendizagem.

Os professores recebem ainda uma revista semanal de informações, duas revistas mensais educativas e dez livros de caráter pedagógico, cujo conteúdo versa sobre as questões discutidas durante os encontros de capacitação. Às escolas participantes do projeto, a SEE envia um acervo de 180 livros de literatura infanto-juvenil e um conjunto de fitas de vídeo. Além disso, escolas e diretorias de ensino recebem vídeos especialmente produzidos para a discussão das questões centrais da prática pedagógica nas classes de aceleração.

Avaliação, o coração do projeto

O programa de capacitação das Classes de Aceleração enfatiza a importância da avaliação como instrumento fundamental e renovador da prática pedagógica. Nesse sentido, trata dos processos de avaliação, tanto da aprendizagem quanto do ensino. Estabelece que o ponto de partida de cada professor é uma avaliação diagnóstica inicial, que antecede e ilumina o planejamento das atividades em sala de aula. A realimentação do planejamento, ao longo do ano todo, deriva de um processo contínuo de avaliações que mostram os avanços e as dificuldades dos alunos a cada momento.

Assim monitorado, o desenvolvimento do trabalho indica as correções de rumo que se fazem necessárias para atingir os pontos de chegada, garantia de que os alunos terão adquirido as condições necessárias para prosseguir nos estudos depois que se reintegrarem às classes regulares. Paralelamente, incentiva-se a

participação das famílias dos alunos, motivando-as a exercer sua competência educativa e elevar suas expectativas com relação à escola e à capacidade de aprender de seus filhos.

O perfil dos professores que têm optado pelo trabalho nas classes de aceleração é bastante específico (São Paulo, 1996). Em sua maioria, encontram-se entre os mais experientes e interessados pelo trabalho com as séries iniciais e estão entre os que entendem a aprendizagem como um processo dinâmico de interação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, bem distantes da velha concepção de ensino como simples transmissão e a de aprendizagem como pura memorização.

Na rede de ensino, o projeto teve uma repercussão altamente positiva. Recebido, de início, com desconfiança por muitos educadores - dizia-se que os alunos seriam promovidos automaticamente, tivessem ou não aprendido, e que seu verdadeiro objetivo era economizar recursos - o projeto Classes de Aceleração teve, rapidamente, uma aceitação tão grande que surpreendeu as expectativas da SEE.

Ascensão e queda das Classes de Aceleração

Em seu primeiro ano (1996), o projeto abrangeu, em caráter experimental, pouco menos de 10 mil alunos em escolas que haviam feito voluntariamente sua inscrição para dele participar - o que representava pouco menos de 0,5% dos alunos que freqüentavam as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Esperava-se, para o ano seguinte, que o número de alunos envolvidos dobrasse. No entanto, a demanda por parte das escolas foi tão grande que nos obrigou a quadruplicar o número inicial, situação que se repetiu no ano seguinte.

Essa rápida expansão no atendimento e os bons resultados obtidos levaram à diminuição do número de alunos em classes de aceleração em 1999 (ver Tabela 1). Essa tendência deverá confirmar-se nos próximos anos, até que o programa tenha cumpri-

do integralmente seu objetivo: extinguir a defasagem idade/série e garantir a aprendizagem dos alunos.

Tabela 1 - Evolução do projeto classes de aceleração

| Ano | Nº de alunos nas CAs | Promoção p/ a 4ª série | Promoção p/ a 5ª série |
|------|----------------------|------------------------|------------------------|
| 1996 | 9.950 | 2.369 | 4.170 |
| 1997 | 40.879 | 8.051 | 22.823 |
| 1998 | 73.850 | 6.849 | 42.946 |
| 1999 | 37.219 | - | - |

Fonte: Relatório e Avaliação do Projeto Classes de Aceleração, 1998.

Ao tomar conhecimento dos resultados obtidos em São Paulo, o Ministério da Educação solicitou os direitos de uso do material das Classes de Aceleração para os Estados interessados. Acre, Bahia, Ceará, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Norte e Rondônia já implementaram o projeto em suas redes de ensino. Em outros Estados ele vai se disseminando a partir da iniciativa de municípios. Com o Paraná, a cessão de direitos relativos às Classes de Aceleração acabou levando a uma parceria: em troca da tecnologia e do uso dos materiais de nosso projeto, a Secretaria da Educação daquele Estado nos repassa o uso de um outro projeto de aceleração, que lá foi desenvolvido para alunos de 5ª a 8ª série. Esse material está sendo adequado à nossa realidade, e o novo projeto será posto em prática na rede paulista a partir do início do ano 2000.

Para os professores, um ganho inesperado

No mesmo ano de 1997, em que recebeu o Prêmio Unicef, a SEE encomendou à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) uma avaliação externa do projeto das Classes de Aceleração, para verificar qual era o desempenho dos alunos oriundos dessas classes, depois de reintegrados ao ensino regular. Os resultados (PUC, 1998) mostraram que, ao final do primeiro ano

em classes comuns, cerca de 87% dos egressos da aceleração haviam sido promovidos para a série seguinte. Trata-se de um resultado satisfatório, sobretudo porque possibilita a essas crianças a volta à companhia de estudantes da mesma faixa etária e a restauração da confiança em sua própria capacidade de aprender.

Mas não é apenas nos alunos que o trabalho nas classes de aceleração infunde confiança. Depoimentos colhidos em entrevistas realizadas com diretores de ensino e supervisores têm revelado que os índices de satisfação profissional dos professores que trabalham nessas classes cresce continuamente.

É o que conta, por exemplo, Maria Tereza Moretti Vilicev, da Diretoria de Ensino da cidade de São Carlos, interior do Estado. "Nossos professores vivem dizendo que, quando voltarem a dar aulas em classes regulares, continuarão usando a mesma metodologia das classes de aceleração. No começo, sempre acham que não vão dar conta de levar uma classe de repetentes a aprender os conteúdos relevantes (...). Depois, vão sentindo que os alunos aprendem e que a maioria é promovida. No final, acabam reconhecendo o quanto se enriqueceram como professores".

Esse clima de animação criado pelo progresso dos alunos tem contagiado também as equipes de supervisores de muitas Diretorias de Ensino, levando-as a se apropriar da metodologia do projeto para orientar a capacitação de professores de classes comuns. Os supervisores que, na capital, trabalham com a diretora de ensino Ariete Scotto usam as concepções das Classes de Aceleração na capacitação de todos os seus professores. "Esse projeto se transformou numa âncora que possibilita às escolas rever seu trabalho", diz ela. "Ele constrói competências, induz à mudança, estimula. Seu lema - 'Todo professor é capaz de ensinar, todo aluno é capaz de aprender' - infunde confiança nos professores".

É essa também a crença de toda a equipe de dirigentes da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo: todo professor é capaz de ensinar, todo aluno é capaz de aprender e cabe à escola pública, usando todos os meios ao seu alcance, garantir o desabrochar dessas competências.

Referências bibliográficas

- CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA. *Ensinar pra valer! Aprender pra valer!* 2. ed. rev. São Paulo : Cenpec; FDE/ SEE/SP, 1997. [conjunto de um volume de *Avaliação* e quatro módulos, contendo cada um livro do professor, fascículos para alunos, encartes, fichas, cartazes e jogos].
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. *Avaliação das classes de aceleração* : desempenho dos egressos e fatores de sucesso do Projeto. São Paulo : PUC-SP, 1998.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Perfil dos professores* : Classes de Aceleração. São Paulo : FDE, 1996.
- . *Reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental* : classes de aceleração; proposta pedagógica curricular. 3. reimpr. São Paulo : FDE, 1998.